

---

## MÍDIA ESPORTIVA

### A INTENCIONALIDADE NO DISCURSO JORNALÍSTICO

*Coordenação:* Profa. Dra. Elizabeth Moraes Gonçalves

*Autores:* Ana Paula Coraza, Aparecida Ribeiro dos Santos, Babette de Almeida Prado Mendoza, Edson Fernando Delmonte, Giselle Bessa, Lana Cristina Nascimento Santos, Solange Vasconcelos, Vanildo Stieg

*Universidade Metodista de São Paulo/ UMESP - São Bernardo do Campo*

#### RESUMO

Objetiva-se neste trabalho analisar como a linguagem, na construção de um pensamento comunicacional, foi utilizada no discurso jornalístico sobre o tema "Hipismo" em época de Olimpíada- veiculado no jornal a Folha de São Paulo.

Buscou-se à luz das teorias: da enunciação, dos atos de fala, dos postulados de Grice, das funções da linguagem, da interação pela linguagem, da análise do discurso, das relações entre os signos e outras, entender como essa interação entre as ciências da linguagem e as ciências da comunicação se relacionam, completam-se, interagem-se e se reconhecem no mesmo processo de construção do saber.

Palavras-chaves: comunicação, mídia, esporte.

#### INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho centra-se na análise da linguagem de duas reportagens veiculadas no jornal Folha de S. Paulo à época das Olimpíadas em Sydney - Austrália - a respeito da prova de hipismo na qual participaria o campeão mundial, brasileiro, Rodrigo Pessoa. O primeiro texto, do dia 30 de setembro de 2000 de Edgard Alves, cujo título era "Rodrigo Pessoa tenta conquistar hoje o único título que lhe falta", abordava as chances reais do cavaleiro conquistar a medalha de ouro. Salientava-se o fato de que fora campeão mundial e único cavaleiro a conquistar o tri-campeonato desta modalidade e que ainda contava com o melhor cavalo da atualidade, somando-se ao fato de que uma medalha de ouro é o que faltava em sua carreira repleta de resultados espetaculares. O segundo texto, do dia 2 de outubro de 2000, dos enviados especiais a Sydney, entre eles Edgard Alves, "Cavalo se recusa a saltar, e Brasil perde última chance de levar ouro" abordava o fato inesperado do refugo, uma expressão típica dos praticantes de hipismo, do cavalo Baloubet

modo como o que se diz é dito.

O texto intitulado “Rodrigo Pessoa tenta conquistar hoje o único título que lhe falta”, escrever hoje o único título que lhe falta”; “Cavalo Baloubet de Rouet é a estrela”;

“Brasil compete com mais dois” (30/09/2000) e “Cavalo se recusa a saltar”, e “Brasil perde a última chance de levar ouro; Pessoa busca explicação para comportamento” (02/10/2000).

A seleção do material justificou-se também pela atualidade e relevância do tema, num país em época de Olimpíadas, que apesar do número de atletas competidores não alcançou nenhum grande resultado e por isso, talvez, a única esperança fosse torcer por um esporte sem nenhuma tradição nacional, como o hipismo.

### **SUBJETIVIDADE NO DISCURSO JORNALÍSTICO: A CONSTRUÇÃO DO MITO**

Nossa análise ao abarcar os pressupostos teóricos do pós-estruturalismo concretizou-se a partir do discurso jornalístico.

O fato é histórico e não há possibilidades de mudanças: Rodrigo Pessoa é um mito dentro do hipismo. “Campeão mundial e primeiro cavaleiro a vencer três vezes consecutivas a Copa do Mundo, brasileiro, medalha de bronze no torneio por equipes, tenta hoje o ouro olímpico na prova individual” ou “O cavalo se recusa a saltar, e Brasil perde a última chance de levar ouro”.

No primeiro texto, o discurso utilizado tenta criar uma imagem mítica - delegando ao sujeito Rodrigo Pessoa características de herói e ao cavalo uma personificação estrelar própria dos grandes mitos também. No segundo texto, a argumentação inside no aspecto de que não houve apenas um refugio. O que se constata é a perda da medalha. E mais: o cavalo é desmistificado e enfatiza-se o desperdício da última oportunidade de medalha de ouro para um país que chegou às Olimpíadas com muita publicidade e a mais numerosa delegação enviada para o evento e que, até então, não obtivera nenhum resultado expressivo. Portanto, nestes discursos percebe-se a não-neutralidade que seria a essência do pós-estruturalismo, perspectiva que norteou toda a análise.

### **NO ENUNCIADO, UMA QUASE VITÓRIA**

Um dos mais importantes postulados pós-estruturalistas, a Teoria da Enunciação, teve como precursor Bakhtin e na França ganhou grande repercussão através de Émile Benveniste. A base de tal teoria está em considerar insuficiente a descrição dos enunciados produzidos pelos falantes, afirmando que é necessário ir além, levando-se em conta a enunciação, “*o evento único e jamais repetido de produção do enunciado*”<sup>2</sup>. Por isso há

uma distinção entre frase e enunciado, trazendo estas marcas que dizem a que título é proferido e o modo como o que se diz é dito.

O texto intitulado “Rodrigo Pessoa tenta conquistar hoje o único título que lhe falta”, escrito por Edgard Alves, concentra-se na descrição da história do hipismo na vida de Rodrigo Pessoa, suas premiações - inserindo o discurso do próprio Rodrigo Pessoa -, os obstáculos a serem enfrentados e os mecanismos de funcionamento da prova. Traz todas as referências contextuais da enunciação, como tempo, lugar e o objetivo de informar o leitor sobre um esporte pouco conhecido do público brasileiro: “Campeão mundial e primeiro cavaleiro a vencer três vezes consecutivas a Copa do Mundo, brasileiro, bronze no torneio por equipes, tenta hoje o ouro olímpico na prova individual”.

O segundo texto, “Cavalo se recusa a saltar, e Brasil perde última chance de levar ouro”, além de reunir referências do fato ocorrido, tenta ir além traçando prováveis explicações para a perda da conquista, sempre recorrendo a discursos de terceiros, levando o leitor a crer numa possível distância entre o autor da enunciação e o assunto enunciado. O objetivo da enunciação parece ser justamente mediar o discurso entre os personagens envolvidos e o leitor.

No primeiro texto, o contexto da enunciação é o de expectativa da conquista da medalha de ouro por Rodrigo Pessoa – nascido na França e residente na Bélgica. O relato leva a uma conotação pessoal da premiação. Já no segundo texto a perda do ouro é do Brasil. Rodrigo Pessoa e o cavalo Baloubet du Rouet representam a “última chance” perdida da conquista do ouro.

Há nos textos um desdobramento teórico que levou a distinção em vários autores ao apontamento de críticas, observando a característica também discursiva da história na enunciação, falando-se em *discurso intersubjetivo* e *discurso histórico*<sup>3</sup>. Além disso, é necessário admitir a impossibilidade da neutralidade do interlocutor e a dos fatos se “autonarrarem”.

No primeiro texto, há *discurso histórico*, relato de eventos passados, sem o aparente envolvimento do locutor, como no trecho:

Hoje, aos 27 anos, Rodrigo de Paula Pessoa, campeão mundial e primeiro cavaleiro da história do hipismo a ganhar três vezes consecutivas a Copa do Mundo da modalidade, tenta a conquista que falta na sua coleção de títulos: o ouro olímpico.

Embora mais raro, há também no referido texto o *discurso intersubjetivo*, com marcas da presença do locutor – com índices de avaliação por exemplo -, como no enunciado: “Cavalo Baboulet du Rouet é a estrela”.

Já no segundo texto o *discurso intersubjetivo* é mais presente como nos trechos:

Resultado surpreende até cavaleiros rivais”; Baloubet e Rodrigo Pessoa “(...) fulminaram a chance de o Brasil conquistar sua primeira medalha de ouro da Olimpíada (...)”; “Na verdade, ele tinha iniciado mal a série decisiva (...).

Mas verifica-se também a presença do discurso histórico:

Aborrecido, mas respondendo às perguntas com tranquilidade, Pessoa disse que não adiantava bater no problema para encontrar uma causa e que o cavalo dificilmente teria se assustado com alguma figura dos obstáculos.

O que podemos perceber é que na prática os discursos histórico e intersubjetivo confundem-se, pois sempre é possível identificar o posicionamento do locutor na narrativa, mesmo que se observe apenas a escolha das palavras. Por exemplo, dizer que o cavaleiro estava aborrecido pode ser entendido como a descrição do estado de espírito do atleta derrotado. Contudo, se ao invés de “aborrecido” o autor usasse a palavra “triste” ou “arrasado”, a produção do sentido pelo leitor certamente seria alterada.

Assim, o jornalista recorre a uma palavra que isoladamente mostra o estado de espírito do competidor, após a derrota. "Aborrecido, mas respondendo às perguntas com tranquilidade ...". O estado era de tranquilidade, mas também de aborrecimento. A escolha da palavra 'aborrecido' mostra que ela não é feita ao acaso, porém, marcada pelo contexto geral. A escolha da palavra e a montagem do discurso nos remetem a uma outra questão: a relação entre o narrador e o objeto narrado. Quem narra, o faz de um ponto específico, com base em sua vivência pessoal.

Assim temos, de um lado, o locutor com sua visão do mundo, seu juízo de valor e suas emoções, e, do outro, o objeto do seu discurso e o sistema da língua (os recursos lingüísticos) - a partir daí se definirão o enunciado, seu estilo e sua composição. Tal é a concepção que reina absoluta<sup>4</sup>.

No material de análise podemos identificar a função referencial<sup>5</sup> na qual se baseia o discurso jornalístico fundamentado pelos fatos, orientado para o referente, para o contexto. Por outro lado, apontamos a função emotiva, centrada no remetente (leitor), com a intenção de convence-lo a torcer por um esporte e um atleta que, mesmo tão fora do contexto esportivo do país, representavam a maior chance de vitória nas Olimpíadas 2000.

---

## A PRODUÇÃO DO SENTIDO

A enunciação traduz um ato de “pôr” a língua em funcionamento. Leva em conta que o uso de códigos é uma sucessão de operações subjetivas e que os fenômenos sociais participam da produção do sentido. Em ambas as reportagens, verificamos o distanciamento dos locutores do enunciado em relação ao assunto, assim como o formato e o conteúdo do texto não seriam os mesmos se os autores não soubessem da falta de informação que a população alvo tem sobre essa modalidade esportiva. Enfim, tanto a produção do enunciado como sua interpretação dependem da interação entre locutor e interlocutor.

Destaca-se aí o papel do sujeito como produtor de significados do discurso informativo, pois entre o fato e a notícia há um longo percurso de decisões e escolhas num intervalo de tempo cada vez mais curto. O jornalismo elabora o fato e constrói a partir dele um outro mundo. O fato - Rodrigo Pessoa é um campeão mundial de hipismo com uma carreira promissora, mas fora do circuito internacional é quase um desconhecido, um brasileiro que nasceu na França e vive na Bélgica.

A partir destes fatos é tecido o imaginário a fim de tentar convencer o leitor sobre a figura de Rodrigo Pessoa - aproximá-lo do leitor, criar empatia e colocá-lo como possível herói na conquista de uma medalha de ouro. Porém, o fato é que não é o atleta que perde a medalha. É o Brasil que deixa de conquistar uma medalha de ouro. “Cavalo se recusa a saltar, e Brasil perde última chance de levar ouro”. Em outras palavras, a linguagem - matéria prima do relato jornalístico - faculta ao sujeito a criação, mas também atualiza no sujeito o meio sociocultural em que está inserido.

... A língua não é apenas sinal e reflexo das estruturas de uma sociedade e da evolução desta ao longo do tempo. Ela é também um instrumento de dominação e de exercício.<sup>6</sup>

Toda língua é, por natureza e por evidência, uma convenção, um acordo entre os membros componentes de um grupo. Há, portanto, um Princípio de Cooperação.

## O PRINCÍPIO DA COOPERAÇÃO

O princípio básico na comunicação humana é o Princípio da Cooperação, entre duas pessoas que pretendem interagir verbalmente e esse princípio compreende quatro “máximas”:<sup>7</sup>

A *Máxima da Quantidade* consiste em mencionar apenas o necessário, nem mais nem menos; a *Máxima da Qualidade* procura mencionar apenas aquilo que se sabe

verdadeiro; a *Máxima da Relação (Relevância)* permite dizer apenas aquilo que é relevante e a *Máxima do Modo* garante ao autor ser claro e conciso, evitando a prolixidade e obscuridades no discurso.

Nos referidos textos é possível situar as máximas de Grice. Ao concentrar-se em informações sobre a vida de Rodrigo Pessoa que interessam diretamente ao esporte que ele pratica, o autor garante a máxima da quantidade na primeira reportagem. Não se preocupa com fatos de sua vida pessoal que não têm relação com o hipismo: “Ele aprendeu a montar aos cinco anos de idade, seguindo a trajetória do pai (...)”.

Na segunda reportagem a máxima da quantidade também está representada quando os autores referem-se a informações do desempenho de Rodrigo Pessoa na prova da semana anterior, mencionando o estritamente necessário: “Aliás, ele tinha zerado também nas duas passagens da última quinta-feira (...)” .

A máxima da qualidade está presente nas reportagens, consecutivamente nos trechos abaixo, onde se verificam informações que têm evidência comprovada pelo autor, tais como: “(...) Rodrigo de Paula Pessoa, campeão mundial e primeiro cavaleiro da história do hipismo (...)”; “Os conjuntos que subiram no pódio cometeram uma falta cada”.

A máxima da relevância pode ser verificada na primeira reportagem quando o autor, resumidamente, expõe os mecanismos e regras da disputa: “Os competidores começam sem pontos e vão os acumulando à medida que cometem faltas. Vence o cavaleiro que cometer o menor número de faltas (...)”.

Pode acontecer de as máximas entrarem em conflito, apresentando predominância de uma delas. Na segunda reportagem, por exemplo, percebemos que os autores infringem a máxima da relevância, pois há vários depoimentos que pretendem transmitir a mesma mensagem, como nos trechos: “É um cavalo corajoso, generoso e que tem um respeito”. E mais adiante: “É um cavalo generoso e corajoso, mas teve um dia ruim”.

Quanto à máxima do modo, a primeira reportagem a obedece não apresentando obscuridades. No entanto, há prolixidade e redundância com intenção de enfatizar o histórico de sucesso do cavaleiro. Uma parte do texto atém-se às informações sobre Rodrigo Pessoa, outra sobre o cavalo Baloubet du Rouet, uma explicação sobre a disputa e sobre outros representantes brasileiros na modalidade. Já a segunda reportagem apresenta excessivas passagens de prolixidade com a pretensão de informar e apresentar possíveis

justificativas para o fato, acabando por expor para o leitor vários depoimentos com explicações distintas, inclusive do mesmo falante, como é o caso do cavaleiro brasileiro que primeiro considera que o animal se “desconcentrou” com algum inseto e logo depois menciona outro motivo: “Ele fez muito esforço em um obstáculo anterior (...)”.

Nota-se então que a composição de todo o discurso, presente em ambos os artigos, está ancorada numa confiança, numa familiaridade que se estabelece entre o público - brasileiros ansiosos por uma medalha de ouro -, e o jornalista, também brasileiro, porém que é testemunha ocular dos esforços no intuito da conquista. Em linhas gerais, pode-se dizer que toda a narrativa está alicerçada sobre uma confiança que se respalda na intimidade e garante a cooperação entre emissor e receptores.

## **LÍNGUA E PODER**

No estudo do funcionamento da linguagem as implicações sociais dos participantes da formação e mutação das estruturas devem ser levadas em conta. A língua como produto social, sob a ótica da dicotomia língua/fala, isolada da história e exterior aos sujeitos conduz à separação entre o que é abstrato (social) e o que é concreto (individual).

A linguagem aparece, então, como a possibilidade da subjetividade e o discurso como provocando a emergência da subjetividade. É o locutor no exercício do discurso que se apropria das formas que a linguagem propõe e às quais ele refere a sua pessoa definindo-se a si mesmo (como eu) e ao parceiro (como tu).<sup>8</sup>

Como se trata de um texto que antecede e outro que sucede à prova que poderia ter dado a única medalha de ouro a delegação brasileira, é possível fazer uma comparação para revelar a forte expectativa de conquista do ouro olímpico na primeira matéria, e portanto um apelo à torcida do público, e uma frustração pela perda da última oportunidade da delegação brasileira ocupar o lugar mais alto do pódio em Sydney. Com uma breve introdução biográfica do cavaleiro Rodrigo Pessoa, a matéria do primeiro texto procura enaltecer a carreira vitoriosa em várias frases: “... exímio cavaleiro que atuou pelo Brasil em cinco Olimpíadas”, “... primeiro cavaleiro da história do hipismo a ganhar três vezes a Copa do Mundo”, “Este ano, ele também assumiu a liderança do ranking mundial”. Emerge um apelo mais forte ao patriotismo na fala do próprio atleta: “Escolhi ser

brasileiro. Toda minha família é brasileira. Não há porque representar outro país”, ao se referir ao fato de ter nascido na França.

Por sua vez, na matéria que sucede à prova, a frustração com os três refugos do cavalo mais famoso do hipismo de saltos - que “fulminaram” as chances de ouro olímpico - fica evidente. O centro das atenções do texto não é mais o cavaleiro e sim o cavalo. A derrota é creditada ao animal, que desaparece na assertiva “Pessoa (...) tinha zerado (passagem sem falta) no primeiro percurso da prova”. O texto tenta resgatar a imagem do cavaleiro apesar da derrota: “Pessoa, tricampeão da Copa do Mundo e primeiro no ranking mundial, acabou eliminado”.

Portanto, verificamos que o autor utiliza recursos da própria língua a fim de atingir os seus objetivos persuasivos, tais como, os operadores argumentativos. No texto (1) "Rodrigo Pessoa tenta conquistar hoje o único título que lhe falta" a ênfase está no sujeito com o intuito de destacar o cavaleiro. Tanto que no texto o cavalo é citado três vezes com seu nome. O nome de Rodrigo Pessoa aparece oito vezes.

"Aos 11 anos, Baloubet é tido como uma das três melhores montarias do mundo” e

“ Baulobet du Rouet, apontado como o melhor do mundo...”

"Cavalo Baloubet du Rouet é a estrela"

No texto (2) a análise de o "resultado surpreende até cavaleiros rivais" o uso da expressão **até** por parte do autor justifica a tentativa de persuadir seus leitores e ele mesmo de uma tese - **até** - entra no discurso para apoiar uma idéia que não está claramente explicitada. No caso do refugo, o autor tem de valer-se da opinião dos outros rivais, por ele mesmo não conseguir explicar sua tese. Em: "Cavalo se recusa a saltar, e (explicativo) Brasil perde última chance de levar ouro”, temos a ênfase no cavalo - sem o seu nome é apenas um cavalo. O animal é citado 14 vezes e o cavaleiro 12.

Quanto ao uso de uma estética capaz de atrair o leitor (receptor), as duas matérias possuem, em seu formato jornalístico, manchetes com letras grandes e um pequeno texto explicativo. Abaixo e ao longo da narração o autor deixa Rodrigo Pessoa “falar” como por exemplo: “O título olímpico é o único que falta em minha carreira” (30/09/00) e “Difícil aceitar uma situação dessas quando se está tão perto (da medalha)” (02/10/00). Dessa forma, traz dinamismo na apresentação da notícia, evita o discurso maçante e faz com que o leitor (receptor) se prenda ao texto.

Por último, consideramos a presença de *uma adequação inteligente ao ideal lingüístico coletivo*, apontando todos os recursos utilizados pelos autores das matérias com o intuito de fazer com que, em um curto prazo de tempo, os brasileiros - nada acostumados a torcer por um cavaleiro - conhecessem as especificidades de uma prova de hipismo na Olimpíada. Assim, buscaram explicar com destaques o que é a disputa – como se dá a pontuação, eliminação, obstáculos – utilizando desenhos explicativos para facilitar a leitura e a compreensão por parte do leitor.

Outro aspecto para a análise das matérias, foi quanto ao uso da escolha das palavras por meio da sinonímia, que nos permite cingir de coisas sob múltiplos aspectos, e como que focaliza-las de diferentes pontos de vista.

Assim, verifica-se que durante o discurso jornalístico, o autor usa denominações diferentes para o cavaleiro Rodrigo Pessoa, por vezes acrescentando informações sobre o atleta e em outros momentos provocando uma maior intimidade. Por exemplo: ao se referir a Rodrigo Pessoa, o autor

... rática é ao mesmo tempo clandestina (não podemos reconhecê-la facilmente) e triunfante (não podemos escapar-lhe): direi que ela

... em-lhe de ser sistemática, construída sobre um pensamento, não sobre uma ideologia.<sup>11</sup>

O que se mostra em evidência nos textos ais íntimo do leitor.

## **A TEORIA DOS ATOS DE FALA**

O nível locucional pertence à organização da língua, com o vocabulário e as regras gramaticais e a significação do todo baseada na estrutura definida. Pode-se dizer que os textos analisados estão no nível locucional, uma vez que os jornalistas se serviram de um sistema lingüístico definido para produzir seu discurso. Do outro lado, da parte do receptor, ele também recorre a esse mesmo corpus para basear sua interpretação.<sup>9</sup>

A tentativa de agir sobre o outro é percebida no primeiro texto quando o jornalista tenta mostrar a importância de se torcer pelo hipismo, única chance de medalha de ouro do país. Ele esbarra no quase total desconhecimento do esporte aqui no Brasil, o que é diferente, por exemplo, se comparado ao futebol - a “nação de chuteiras”. Pode-se dizer que o título "Rodrigo Pessoa tenta conquistar hoje o único título que lhe falta" é todo ele performativo e perlocucional. A resposta que cria em nós é a seguinte: se quisermos medalha de ouro, nada mais temos a fazer senão torcer por esse esporte.

Outra passagem que indica essa articulação para o envolvimento do leitor com o assunto é a fala de Pessoa, que nasceu na França, mas compete pelo Brasil: "Escolhi ser brasileiro. Toda minha família é brasileira. Não há porque representar outro país". Mais adiante, no mesmo texto, continua: "É bom para o hipismo, é bom para o Brasil, é bom para todos nós".

A organização do texto, baseada nessas falas, age coercitivamente sobre o indivíduo, como no caso da sentença "escolhi ser brasileiro" que atua formando uma opinião favorável em relação ao hipismo. Apesar de cavalo e cavaleiro serem estrangeiros tenta-se arregimentar um sentimento de brasilidade em relação a eles.

Se pegarmos a primeira parte "difícil aceitar uma situação dessas quando se está tão perto (da medalha)", percebemos existir nela a realização de uma ação: perdemos, mas estivemos muito perto da medalha; na segunda parte "o que aconteceu comigo já aconteceu com outros favoritos" há o anúncio de uma ação que põe o derrotado em equivalência com outros, igualmente favoritos e derrotados.

todo ato de fala é, ao mesmo tempo, locucionário, ilocucionário e perlocucionário, caso contrário não seria um ato de fala: sempre que se interage através da língua, profere-se um enunciado lingüístico dotado de certa força que irá produzir no interlocutor determinado(s) efeito(s), ainda que não aqueles que o locutor tinha em mira.<sup>10</sup>

Como vimos, tanto no primeiro como no segundo texto há a presença dos atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário. No primeiro texto o objetivo perlocucionário é de informar o leitor sobre um esporte sem tradição entre o público brasileiro, contextualizando a história de vida do cavaleiro Rodrigo Pessoa e as regras da disputa hípica. Já no segundo texto, o objetivo perlocucionário visa convencer o leitor das possíveis

justificativas para o fracasso da atuação de Rodrigo Pessoa e do cavalo Baloubet du Rouet na conquista da medalha de ouro para o Brasil.

O ato locucionário pode ser identificado na informação do histórico de sucesso do cavaleiro e – em menor medida – do cavalo. O ilocucionário está presente na força do enunciado, repetições e redundâncias que têm por objetivo o ato perlocucionário de convencer o leitor de que, apesar do esporte não ter tradição em nosso país, é necessário torcer pois a possibilidade de vitória é concreta.

### **EM BARTHES, UM ESPORTE PARA POUÇOS**

Dentro de um contexto de expectativas de conquista de medalha de ouro na Olimpíada de Sydney, a análise dos textos, baseada em Roland Barthes, pode se iniciar com a observação da divisão da linguagem com base nas noções de grupo e classes sociais, apoiado no conceito de socioleto. Este autor dividiu os discursos em *acráticos* – aqueles que estão fora do poder, influenciados pelo senso comum, popular – e *encráticos* – os que se enunciam a partir dos múltiplos aparelhos estatais ou da comunicação de massa.

Barthes distingue esses dois conceitos de forma clara:

A linguagem encrática é vaga, difusa, aparentemente ‘natural’ e, portanto, pouco identificável: é a linguagem da cultura de massa (imprensa, rádio, televisão) (...); toda essa linguagem encrática é ao mesmo tempo clandestina (não podemos reconhecê-la facilmente) e triunfante (não podemos escapar-lhe): direi que ela é pegajosa. A linguagem acrática, essa, é separada, cortante, desligada da doxa (é portanto paradoxal); a sua força de ruptura vem-lhe de ser sistemática, construída sobre um pensamento, não sobre uma ideologia.<sup>11</sup>

O que se mostra em evidência nos textos é o discurso *encrático*, elaborado na terceira pessoa, para aproximar um representante de um esporte da elite sem identificação com o grande público, do leitor do caderno especial da Folha de S. Paulo. Em nenhum momento surge nos textos a fala popular ou a gíria.

### **ESPORTE E MÍDIA**

Na análise dos textos pode-se perceber o ambiente social ligado à Olimpíada e o fervor nacional (patriotismo) evocado pela participação de atletas brasileiros no evento. Para a mídia, em função da publicidade, o que estava em jogo, e principal meta, era a

conquista de pelo menos uma medalha de ouro, mesmo através de um esporte distante do grande público, o que destaca o recorte ideológico das matérias.

Ao narrar o fato o jornalista tem nas mãos a incumbência de despertar o interesse do leitor. Mais que criar uma pseudoproximidade com um esporte e um atleta até então bem distantes do dia-a-dia do país, durante as Olimpíadas a mídia brasileira contabilizava cada espectador que pudesse interessar aos patrocinadores, anunciantes em potencial dos veículos de comunicação.

Conforme explica Tubino: “Como a mídia somente procura o espetáculo e um retorno financeiro para as suas ações, ela buscará sempre um interesse popular que a conduza à segurança da sua ação”.<sup>12</sup>

### **A INTENCIONALIDADE ALÉM DO TEXTO**

Ao compararmos as duas reportagens em análise, temos na primeira, publicada antes da competição, um discurso extremamente positivo e otimista onde se percebe que as palavras anunciam uma intenção: a de levar o leitor quase a certeza de que Rodrigo Pessoa conquistará a medalha de ouro.

O espaço e o formato dedicados às duas reportagens são praticamente os mesmos (quase uma página inteira do jornal, com utilização de fotografia onde o atleta e o cavalo aparecem em destaque), sendo diferente o enfoque. Na primeira matéria, o texto do lado esquerdo ressalta todas as vitórias e títulos já conquistados pelo cavaleiro, sua trajetória esportiva e até a questão de sua nacionalidade, pois apesar de ter nascido na França e não morar no Brasil, o próprio cavaleiro relata que toda sua família é brasileira e ele escolheu ser brasileiro.

Para que o leitor entenda as regras da competição e conseqüentemente a comunicação que se pretende - torcer pelo cavaleiro (apesar deste ter nascido na França e não morar no Brasil) -, na primeira reportagem o autor faz uso das diversas linguagens (fotografia, diagramação, box explicativo com ilustrações) para que a leitura vá além das palavras e leve em conta todo o conjunto. Estas diversas linguagens também são utilizadas na segunda reportagem, porém a intenção que se quer transmitir é a de desapontamento.

Centrada extremamente no cavaleiro e logo após o box explicativo da primeira reportagem, há um relato da trajetória vitoriosa do cavalo Baloubet du Rouet que, com 11 anos, é tido como uma das três melhores montarias do mundo e, segundo o próprio

cavaleiro, seria responsável por 70% do sucesso da dupla. Praticamente o mesmo espaço de texto é reservado na segunda reportagem para comentários sobre o cavalo, só que desta vez outros refugos (não mencionados anteriormente) são lembrados.

As fotografias trazem a comunicação que se quer transmitir: na primeira reportagem cavalo e cavaleiro em pleno momento de vitória, sendo a imagem reforçada pela legenda e inserida antes mesmo do título. Na fotografia da segunda reportagem, também reforçada pela legenda, a recusa do cavalo em saltar representa o momento de derrota. O subtítulo da matéria, que na primeira reportagem vem abaixo da fotografia e do título, na segunda está entre o título e a fotografia.

O sentido - quem fala, como e com que objetivo fala - representa dois momentos diferentes: o primeiro de uma vitória que estava prestes a ocorrer e outro da derrota constatada.

Através da análise e comparação dos textos percebe-se como as palavras anunciam uma intenção: “talvez a linguagem que diz mais seja, afinal de contas, a que diz menos”.<sup>13</sup>

## **CONCLUSÃO**

Cada expressão humana, seja a escrita, o gesto, a fotografia, a fala, é uma tentativa de levar ao outro uma visão de mundo particular e na qual se acredita como correta. O legado dos teóricos do estruturalismo possibilitou o surgimento de uma nova ciência capaz de ir além da palavra impressa para desvendar a subjetividade da palavra dita. O pós-estruturalismo denuncia a fala em movimento, a ação do homem que só se entende como tal por meio da comunicação.

Nesta perspectiva, o discurso jornalístico que se pretende neutro é flagrado. Certamente, ao redigir uma notícia o jornalista desconhece os postulados lingüísticos que teorizam o que ele faz sem nenhuma ciência na prática. Contudo, são estes pressupostos que nos fazem mais que espectadores de uma realidade vivida pelo outro que se veste da autoridade de testemunha ocular dos fatos. O querer dizer implícito no discurso jornalístico é revelado, longe de ser desmentido. Como dissemos, o fato é histórico. A questão não é descobrir mentiras ou verdades absolutas, mas apenas compreender melhor a mensagem, entendendo de onde fala, como fala e com que objetivo fala o nosso emissor.

Desta forma, as ciências da linguagem e da comunicação são a realidade vivida e compreendida por todos os atores que participam do complexo e instigante processo comunicacional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martin Fontes, 1997.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- DACANAL, José Hildebrando. **Linguagem. Poder e ensino da língua**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- DUCROT, Oswald. **Provar e dizer: linguagem e lógica – leis lógicas e leis argumentativas**. São Paulo: Global, 1981.
- GUSDORF, Georges. **A palavra: função – comunicação – expressão**. Tradução de José Freire Colaço, Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.
- JOKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- JOKOBSON, Roman. **Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências**. Lisboa, Portugal: Livraria Bertrand, 1974.
- KOCH, Ingedore Villaça. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.
- OLIVEIRA, Ana Cláudia de; FECHINE, Yvana. **Visualidade, urbanidade, intertextualidade**. São Paulo: Hacker Editores, 1998.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.
- PAVEL, Thomas. **A miragem lingüística: ensaio sobre a modernização intelectual**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.
- PIERCE,
- TUBINO, Manoel José Gomes. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. . In: MOREIRA, Wagner Wey (org). **Perspectivas para o século XXI**. São Paulo: Papirus, 1993.
- VOGT, Carlos. O intervalo semântico: Contribuição para uma teoria argumentativa. São Paulo: Ática, 1977. (Ensaio nº 26).

## NOTAS

<sup>1</sup> PAVEL, Thomas. A miragem lingüística: ensaio sobre a modernização intelectual. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.

<sup>2</sup> KOCH, Ingedore Villaça. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1995.

<sup>3</sup> OSAKABE, apud ibidem 2

<sup>4</sup> BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martin Fontes, 1997

<sup>5</sup> JOKOBSON, Roman. **Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências**. Lisboa, Portugal: Livraria Bertrand, 1974.

<sup>6</sup> DACANAL, José Hildebrando. **Linguagem. Poder e ensino da língua**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

<sup>7</sup> GRICE apud ibidem 2

<sup>8</sup> ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

<sup>9</sup> VOGT, Carlos. O intervalo semântico: Contribuição para uma teoria argumentativa. São Paulo: Ática, 1977. (Ensaio n° 26).

<sup>10</sup> ibidem 2

<sup>11</sup> BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

<sup>12</sup> TUBINO, Manoel José Gomes. Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI. . In.: MOREIRA, Wagner Wey (org). **Perspectivas para o século XXI**. São Paulo: Papirus, 1993.

<sup>13</sup> GUSDORF, Georges. **A palavra: função – comunicação – expressão**. Tradução de José Freire Colaço, Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.